

ICONICIDADE EM SENTENÇAS TRANSITIVAS DA LIBRAS: UMA MOTIVAÇÃO FORMAL E CONCEPTUAL

Daiana do Amaral Jeremias¹

RESUMO: A Iconicidade nas línguas naturais pode ser analisada e compreendida de diferentes maneiras. Nesse trabalho, temos como objetivo fazer uma análise da natureza icônica de sentenças transitivas na língua de sinais brasileira. Numa perspectiva diagramática, sentenças de línguas naturais podem ser icônicas quando seus principais argumentos estão próximos ao verbo, resultando maior afetação e, conseqüentemente, iconicidade. Esta relação de proximidade entre as entidades afetadas revela o paralelismo existente entre o que está representado superficialmente e conceptualmente nas construções de línguas humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Iconicidade; Transitividade; Língua brasileira de sinais.

ABSTRACT: Iconicity in natural languages may be analyzed and understood in distinct ways. In this paper, our goal is to analyze the iconic nature of transitive sentences of Brazilian signed languages. From a diagrammatic perspective, natural language sentences may be iconic when their main argument is close to the verb, resulting in more affectation, and, consequently, iconicity. This relation of proximity between affected entities reveals the parallelism between what is superficially represented and what is conceptually represented in the construction of human languages.

KEYWORDS: Iconicity; Transitivity; Brazilian signed languages.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar um tipo diferente de análise da Iconicidade na língua de sinais brasileira: a da perspectiva do diagrama. Abordaremos a natureza deste fenômeno em sentenças transitivas da libras, o qual se apresenta como recorrente em todas as línguas naturais, caracterizando uma propriedade regular e produtiva da linguagem humana.

Tradicionalmente, a Iconicidade tem sido apresentada como um tipo de convencionalização entre os sinais e os significados que eles representam. Tal concepção é encontrada em Klima e Bellugi (1979), Taub (2004) entre outros. Contudo, nos parece que a noção deste conceito é amplamente citada, mas não desenvolvida de modo que possamos compreender a sua lógica dentro da teoria dos signos.

É natural encontrar o termo correlacionado com os sinais da libras, apontando a transparência entre o sinal e seu significado. Klima e Bellugi (1979) apresentam a

¹ Doutoranda do programa de Pós-graduação em linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: daianaah@hotmail.com.

Iconicidade como uma motivação e uma convenção entre a forma dos sinais e o que eles representam no mundo. Contudo, o cerne do conceito que justifique esta relação motivada entre os sinais desta língua visual espacial ainda não foram, assertivamente, esclarecidos.

A Iconicidade vai além da perspectiva de um ícone; neste caso, um sinal ou uma palavra. Ela submerge da gramática (HAIMAN, 1980; 1985), portanto, é refletida também na sintaxe das línguas naturais. Nessa visão, propomos que, a depender da distância entre os argumentos e de como se organizam hierarquicamente, sentenças transitivas da libras podem ser consideradas icônicas, caracterizando uma Iconicidade diagramática.

Para desenvolver esse trabalho, faremos uma exposição do fenômeno em questão, procurando descrever a correlação entre a lógica do diagrama e sua natureza conceptual. Em seguida, estabeleceremos análises de sentenças da libras as quais identificaremos a natureza icônica ou arbitrária entre os elementos da cena verbal.

Como referencial teórico, utilizaremos os pressupostos de Haiman (1980; 1985) para descrever a Iconicidade na sintaxe das construções transitivas e os pressupostos de Langacker (1987; 1991; 2008) para referir ao que subjaz a lógica dessa motivação estrutural. Veremos que a transitividade vai além de uma construção formal, ela é de natureza conceptual e está relacionada diretamente como o modo como interagimos com o mundo e com outros seres humanos.

Iconicidade Estrutural: a lógica do diagrama

Nesse artigo, adotamos a concepção de Iconicidade como a motivação entre a forma e o significado dos itens que constituem uma sentença na língua de sinais brasileira. Essa motivação é extraída a partir da lógica de um diagrama. Partimos do princípio de que as propriedades das formas dos itens de uma sentença na libras vai evocar o significado que as partes dessa sentença representam no mundo. Neste trabalho, não focamos na perspectiva do ícone, mas sim do diagrama, ou seja, da relação direta do evento realizado pelo predicado. Essa motivação, em muitos casos, não é tão transparente, requerendo uma interpretação, a nível conceptual, dessa relação entre a forma e o significado.

Para sustentar nossa análise teórico-descritiva, utilizaremos como referencial os pressupostos assumidos por Haiman (1980;1985; 1983) sobre o fenômeno da Iconicidade. E, para compreender e dar consistência à proposta da natureza desta

motivação, utilizaremos pressupostos da gramática cognitiva adotados por Langacker (1987; 1981; 2008; 2013).

A Iconicidade é um fenômeno que foi abordado pela teoria semiótica, tendo como principal expoente Peirce (1932). Este filósofo propôs uma divisão entre os dois modos em que a Iconicidade pode se apresentar, como: i) imagética; ii) diagramática. A primeira, refere-se ao potencial semiótico da “imagem” e sua correlação direta com a representação no mundo. Aqui, pressupõe uma relação unilateral entre significante e significado, como por exemplo, uma foto, uma estátua e até mesmo alguns sinais das libras. A segunda, refere-se a um signo complexo, no qual as relações entre as partes de um diagrama têm alguma relação com as partes dos conceitos que o representam (HAIMAN, 1985). Para o autor, as línguas são como diagramas. Nesta proposição, os arranjos sistemáticos de signos não apresentam uma relação exata com seu referente (TAUB, 2004). É essa a concepção central de Iconicidade do livro “Natural Syntax” de Haiman (1985), a qual também será adotada por nós, porém de forma mais esquemática, a nível conceptual.

Haiman (1985) adota o princípio básico de Peirce (1932), mas tece algumas colocações, estendendo o pressuposto aos estudos das estruturas das línguas naturais. A começar pela divisão dos tipos de Iconicidade: imagem x diagrama. Ele assume os pressupostos do filósofo Peirce e problematiza a relação a tal ponto de entendermos um certo alargamento das concepções do fenômeno.

Segundo Haiman (1980; 1985), o diagrama corresponde a um signo complexo; desta maneira, se pensarmos que o princípio da motivação se baseia na correlação entre forma e sentido, podemos pensar que esse signo complexo evoca um conceito complexo. O diagrama, então, seria composto por partes e cada uma destas partes são relacionadas aos conceitos que representam no mundo. Elas não precisam ser, necessariamente, ícones, mas antes símbolos.

Em adendo, a essência de um diagrama é gradualmente diferente da de um ícone, ou seja, uma transparência de “um para um” entre forma e significado. A concepção básica da motivação de um diagrama consiste na semelhança entre as partes deste elemento e a função que elas representam. Com isso, Haiman (1980; 1985) chama o diagrama de ícone diagramático. Assim, há uma clara divisão entre ícone (Iconicidade imagética) x ícone diagramático (Iconicidade diagramática).

Assumimos que o ícone é individual e pressupõe uma transparência maior no significado, já o diagrama é composto e pressupõe uma transparência menor. As partes

que compõem o diagrama são símbolos. Se fizemos uma conexão com a natureza das línguas naturais, assim como as palavras são simbólicas, a gramática, ou seja, o conjunto de regras que regem o funcionamento de uma língua, são estruturas simbólicas e, diagramaticamente, icônicas (HAIMAN, 1985). Nessa concepção, as sentenças transitivas na libras são como os diagramas, pois são constituídas de diferentes elementos que, organizados hierarquicamente, representam um significado no mundo, um evento significativo. Estabelecendo uma analogia, os diagramas são compostos por partes, as sentenças são compostas por itens gramaticais e lexicais; cada uma dessas partes e cada um desses itens, em conjunto, evocam um significado no mundo, portanto, as partes do diagrama, ou seja, os itens da sentença e o significado que representam na realidade são motivados, portanto, são icônicos.

Ao adotar a divisão entre ícone x diagrama, no qual o último pressupõe um conjunto de símbolos, Haiman (1980; 1985), atribui, assim como Peirce (1932), que a diferença entre os símbolos e os ícones é imprecisa, está mais para um contínuo. Ele assume essa asserção, pois mesmos os ícones não são inteiramente transparentes em relação à forma e ao seu significado no mundo. Conforme Haiman (1985), apenas os clones seriam os referentes ideais para representar a total transparência entre o ícone e aquilo que ele representa. Para apresentar essa ideia, originalmente explorado por Peirce (1932), ele descreve o ícone “foto”, que é apontado, tradicionalmente, com um elemento que demonstra a relação “translúcida” entre forma e sentido. Na foto, em um primeiro plano, notamos a relação nítida entre a forma e o que ela representa. Contudo, há muitos elementos que não estão presentes e que evocariam ainda mais a referência implícita no momento em que a imagem foi tirada; logo, o que temos é apenas um mínimo de informação a respeito das formas, mas não do tamanho real das entidades representadas. Os movimentos, cheiros, planos de fundo, não são apresentados, até mesmo as cores não são idênticas, pois o aparato máquina apenas faz uma reprodução equivalente, mas não real. Se fossemos avaliar os inúmeros exemplos de ícones, veremos que eles não são precisos.

Quando não há uma correlação perfeita, parece que há um contínuo entre um ícone menos icônico para o mais icônico. “Um sinal que se assemelha a seu objeto com respeito a mil detalhes é mais icônico do que um sinal que se assemelhe a seu objeto em apenas uma centena de detalhes”² (HAIMAN, 1985, p. 10). Todavia se a cada análise de

² Tradução nossa, no original: “[...] a sign which resembles its object with respect to a thousand details is more iconic than one which resembles it in only a hundred” (HAIMAN, 1985, p. 10).

ícone ficarmos destacando suas possíveis não correlações com o referente, a própria natureza de Iconicidade é questionável “e muito possivelmente uma semelhança atenuada poderá ser percebida como uma ausência de semelhança”³ (Ibdem). Nesse ponto, o ícone vai perdendo sua identidade enquanto imagem e assume uma nova outra como um símbolo, em um processo diacrônico no qual a mudança e convencionalização marcam a gramaticalização de diversos itens internos e externos das línguas naturais (GREENBERG, 1966).

Com isso, depreendemos que a motivação entre forma e significado de um ícone ou sinal é proporcional à motivação entre a forma e o significado de um diagrama ou uma sentença. A diferença entre eles é mais uma questão de graus do que concepções opostas e pré-estabelecidas. “Há uma distinção entre os dois: uma imagem é um ícone de um objeto simples, enquanto que um diagrama é um ícone de um objeto complexo. Mas não existem objetos simples, e nenhum ícone reproduz todos os detalhes.”⁴ (HAIMAN, 1985, p. 10). Portanto, é inadequado fazer uma oposição entre imagem e diagrama, e ambos opostos ao símbolo. Para Haiman (1985), “Todos os sinais precisam simplificar e abreviar aquilo que eles representam. Imagens o fazem menos do que diagramas, e diagramas menos do que símbolos.”⁵ (p. 11).

Ao assumir que um ícone diagramático ou uma sentença são homólogos com aquilo que eles representam, ou seja, partes do diagrama ou da sentença representam partes da realidade, Haiman (1985) propõe uma divisão entre essa relação forma e sentido em duas propriedades independentes: isomorfismo e motivação. Nesse trabalho, como já apontamos, nosso foco será o estudo da Iconicidade pela homologia da motivação que é a “propriedade pela qual diagramas exibem a mesma relação entre suas partes que seus referentes entre suas partes”⁶ (HAIMAN, 1985, p. 11).

Essa relação motivada respeita os princípios de economia das línguas naturais, pois o diagrama tem a função de ser representativo, ou seja, não reproduz, necessariamente, a realidade tal como ela é. Eles representam apenas os atributos

³ No original: “and very possibly an attenuated resemblance may come to be perceived as no resemblance at all” (Ibdem).

⁴ No original: “there is a distinction between the two: an image is na icon of a simple objects, while a diagram is na icon of a complex one. But the are no simple objects, and no icon reproduces every detail” (HAIMAN, 1985, p. 10).

⁵ No original: “All signs have to simplify and abbreviate what they stand for. Images do so less than diagrams, diagrams less than symbols (p. 11).

⁶ No original: “property whereby diagrams exhibit the same relationship among their parts as their referents do among their parts” (p. 11).

essenciais das entidades ou estruturas que denotam, a “Iconicidade é imposta por considerações de economia e limitações do meio”⁷ (HAIMAN, 1985, p. 12).

O diagrama representa uma relação de motivação entre as suas partes e a representação destas partes no mundo. Em outras palavras, a forma como os constituintes estão organizados em uma sentença vai revelar algo sobre a natureza das construções transitivas na libras. Nesta proposição, para entender como esta correspondência se desenrola, é preciso identificar como a língua pode ser interpretada dentro das partes do diagrama e qual tipo de motivação que as estruturas das línguas naturais estão adaptadas. Uma forma de conceber a Iconicidade na libras, como veremos a seguir, é através da distância conceptual em sentenças transitivas diretas.

Distância conceptual e a transitividade

Nesse artigo, seguindo os pressupostos acima, propomos que sentenças transitivas diretas na libras são análogas a um diagrama. Uma das formas de apreender esta motivação é através da expressão de “distância conceptual”. Nesta visão, quanto mais próximos os elementos da predicação, maior será a relação de afetação, logo mais icônicos. Por outro lado, quanto mais distante, ou seja, quanto menor o nível de afetação, mais arbitrário no escopo da transitividade. A relação de aproximação é um dos fatores-chaves para compreender o caráter transitivo das línguas naturais. Os elementos que compõem um predicado desta natureza são motivados pelos eventos que se propõe a realizar no mundo.

A motivação, “em nosso sentido, vai significar uma correspondência entre nossa percepção do mundo e nossa representação dessa percepção”⁸ (HAIMAN, 1985, p. 16). Logo, a Iconicidade, investigada nas estruturas que propomos, dá destaque para a relação motivada e conceptual de similaridade entre as partes dos constituintes de uma sentença e o significado que elas evocam no mundo. Segunda a hipótese da motivação:

Dadas duas formas minimamente contrastantes com significados proximalmente relacionados, a diferença em seu significado vai corresponder a uma diferença em suas formas. A iconicidade da estrutura linear da linguagem que é evidente e mais frequentemente notada é a linearidade do signo linguístico, que iconicamente reflete a linearidade do tempo e da causação. Mas a linguagem também é admiravelmente apropriada para a

⁷ No original: “iconicity is imposed by considerations of economy and limitations of the medium” (HAIMAN, 1985, p. 12).

⁸ Tradução nossa, no original: “in our sense will mean a correspondence between our perception of the world and our representation of this perception” (HAIMAN, 1985, p. 16).

expressão icônica de uma variedade de relações simétricas, e para a expressão icônica da distância conceitual.⁹ (HAIMAN, 1985, p. 20).

Com isso, podemos assumir que a interpretação de um diagrama é motivada pela própria estrutura do diagrama. Essa interpretação é apreendida da similaridade percebida entre a estrutura do diagrama e a estrutura dos conceitos que ele representa. Nessa lógica, a interpretação de uma sentença na libras é motivada pela sua própria estrutura. E, servindo ao nosso propósito científico de investigação, focaremos na natureza da relação de distância conceptual entre os elementos envolvidos na ação verbal. Nessa proposição,

A hipótese da motivação, todavia, faz uma predição adicional, qual seja, que a diferença na forma vai corresponder de algum modo à diferença em significado. Especificamente aqui, quanto maior a distância formal entre X e Y, maior a distância conceitual entre a noção que elas representam.¹⁰

Segundo Haiman (1985), quanto menor a distância entre o verbo e o objeto, em outras palavras, quanto mais próximos eles estão na sentença, maior é a relação de afetação e mais icônica é a construção.

Utilizando a relação de distância conceptual como base para a investigação do fenômeno da Iconicidade estrutural, a qual exploraremos alguns aspectos da transitividade na ação verbal, buscamos estabelecer correlações com a gramática cognitiva que nos permitirá entender a natureza das sentenças transitivas e, conseqüentemente, qual a motivação que elas têm com as ações no mundo.

Iconicidade cognitiva: o que subjaz o diagrama

Até o momento, estávamos explorando o fenômeno da Iconicidade em termos superficiais (a nível de superfície da sentença), principalmente na forma das estruturas das línguas naturais, correlacionando as partes de um diagrama e a representação dessas partes no mundo. O estudo da Iconicidade na sintaxe teve seu auge na década de 80, período em que diferentes teóricos do funcionalismo tratavam da motivação sob olhares

⁹ Tradução nossa, no original: "Given two minimally contrasting forms with closely related meanings, the difference in their meaning will correspond to the difference in their form. The most evident and often-noted iconicity of language structure is the linearity of the linguistic sign, which iconically reflects the linearity of time and causation. But language is also admirably suited to the iconic expression of a variety of symmetrical relationships, and to the iconic expression Of conceptual distance." (HAIMAN, 1985, P. 20).

¹⁰ Tradução nossa, no original: "The motivation hypothesis, however, makes a further prediction, namely that the difference in form will correspond in some way to the difference in meaning. Specifically here, the greater the formal distance between Y and Y, the greater the conceptual distance between the notion they represent" (HAIMAN, 1985, p. 106).

distintos e sob diferentes aspectos sintáticos das línguas humanas. Destacamos principalmente os trabalhos de Haiman (1980; 1985), o trabalho de Bybee (1985), Givón (1985), Greenberg (1985) entre outros.

Contudo, nos últimos anos, vários aspectos elementares das línguas humanas estão sendo explorados pela linguística cognitiva que “é o estudo da linguagem em sua função cognitiva, na qual cognitiva se refere ao papel crucial de estruturas informativas intermediárias em nossos encontros com o mundo” (Geeraerts; Cuyckens, 2007, p.4)¹¹. Considerando esta pressuposição, a língua não pode ser estudada através de módulos, pois a gramática é significativa. O significado é conceptualizado e a conceptualização é fundamentada na realidade física (Langacker, 2008). De modo geral, as estruturas das línguas naturais são, indiretamente, representações simbólicas das nossas relações com o mundo, com as coisas, com outros seres humanos. Incorporamos esta experiência na nossa gramática e, conseqüentemente, o fenômeno da Iconicidade também é um reflexo dessas relações.

Em um primeiro momento, é imperceptível esta correlação entre língua e realidade física, mas adotando as concepções da gramática cognitiva e a sua proposta de investigação, conseguimos estabelecer paralelos conceptuais que nos permitem depreender a relação língua/mundo. Nossa proposta visa descrever a natureza da Iconicidade estrutural, buscando compreender essa relação de motivação entre as partes das estruturas da língua de sinais brasileira e aquilo que elas representam no mundo. Veremos que a relação de motivação vai além do plano superficial, há uma origem em um plano conceptual. Alguns casos de Iconicidade de distância conceptual podem ser compreendidos pela relação de distância entre espaços conceptuais, os quais fazem relação forma (espaço fonológico) e significado (espaço semântico).

Nessa parte do trabalho, nos inspiramos na proposta de Iconicidade Cognitiva de Wilcox (2004) para descrever a natureza conceptual da motivação em sentenças transitivas diretas. Nesse modelo teórico, ele toma a Iconicidade cognitiva como um fenômeno cognitivo e onipresente em todas as línguas. Obviamente, ele aplica esse fenômeno para análise das estruturas da língua de sinais americana, mas em todo momento ele reforça que essa correlação entre cognição x motivação pode ser estendida para análise de qualquer língua, independente da modalidade.

¹¹ Tradução nossa, no original: “Cognitive Linguistics is the study of language in its cognitive function, where *cognitive* refers to the crucial role of intermediate informational structures in our encounters with the world”. (Geeraerts; Cuyckens, 2007, p. 4).

A Iconicidade Cognitiva foi derivada dos pressupostos da gramática cognitiva de Langacker (1987; 1991; 2008; 2013) e, além de ir ao encontro da abordagem de plano formal de Haiman (1980; 1985), ela fornece subsídios teóricos e práticos para compreender a natureza da motivação. A gramática cognitiva nos permite, enquanto investigadores, estabelecer correlatos entre uma Iconicidade no plano superficial e Iconicidade no plano conceptual.

A Iconicidade vista sob uma ótica cognitiva é apresentada como uma visão alternativa, como sintomática de algo mais fundamental que une a forma e o significado (WILCOX, 2004). Ao tratar da Iconicidade sob o olhar da linguística cognitiva, a língua é tratada como simbólica. Nessa concepção, a língua é vista como não dissociada dos elementos que a compõe, tanto interna como externamente. O estudo da língua está diretamente relacionado com os processos cognitivos e com a interação social. São interdependentes. Na concepção simbólica da língua, o símbolo é descrito como o emparelhamento entre uma estrutura semântica e uma estrutura fonológica em um sistema conceptual geral (LANGACKER, 2004), em outras palavras, a forma de um sinal ou de uma estrutura sinalizada precisa estar relacionada com aquilo que elas representam no mundo.

É nessa visão que a Iconicidade Cognitiva se apoia, pois ela propõe que o que subjaz a relação de motivação é justamente a relação de distância entre os polos semânticos e fonológicos dentro de um espaço conceptual. A saber, toda produção linguística em língua de sinais e línguas orais está enquadrada em um espaço conceptual (LANGACKER, 2008) que engloba todo nosso conhecimento, nosso pensamento e nossa experiência corporificados. Assim, dentro desse espaço, a relação de aproximação e afastamento é fundamental para definir o conceito de Iconicidade em uma proposta cognitivista. Segundo Wilcox (2004), a Iconicidade cognitiva pressupõe uma aproximação entre um polo semântico e um polo fonológico; do contrário, se esses polos estão em regiões distantes, tem-se a arbitrariedade. Essa proposta se assemelha consideravelmente com a proposta de Iconicidade de distância conceptual de Haiman (1985). Com isso, A Iconicidade é submergida pela gramática, pois toda unidade linguística consiste de três elementos básicos: i) estrutura fonológica, ii) estrutura semântica e iii) estrutura simbólica, ligando a estrutura semântica e estrutura fonológica.

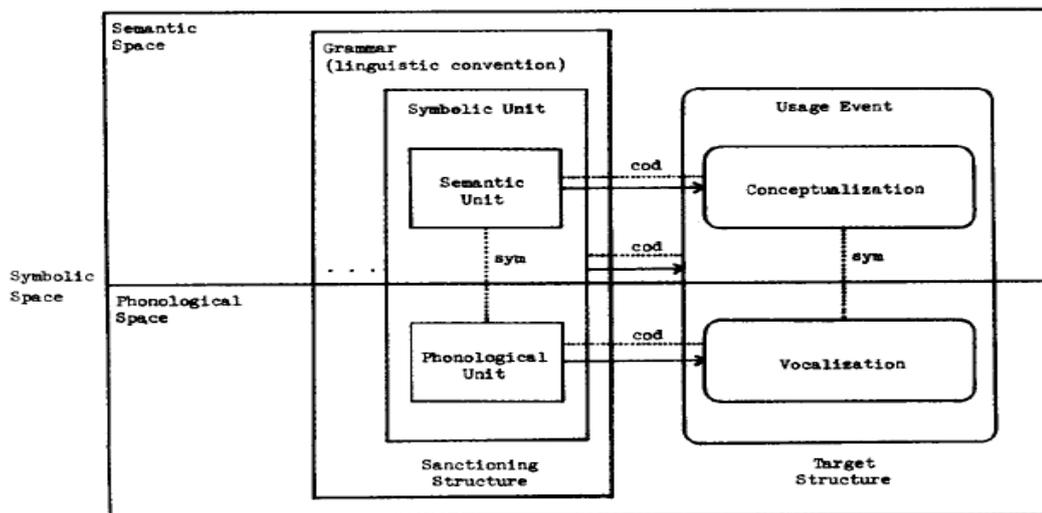
Como apontamos acima, esse modelo de Iconicidade segue os fundamentos da gramática cognitiva de Langacker (1987; 1991), na qual a gramática, além de significativa, ela reflete nossas experiências básicas, a mudança que acontece ao longo

do tempo, a percepção e atuação no mundo. No centro da gramática, os significados são operações mentais inerentes a estes componentes elementares da vida cotidiana. O léxico e a gramática são descritos como montagens de estruturas simbólicas, em outras palavras, um pareamento entre estruturas fonológicas e semânticas. Portanto, adotar o pressuposto de que gramática é essencialmente simbólica, nos permite uma reanálise do papel da Iconicidade, na qual se inscreve elementos cognitivos e de interação social. Nesta proposta, o papel do meio é indispensável para entender alguns aspectos da gramática das línguas, como é o caso das sentenças transitivas na libras.

A natureza da distância conceptual e da transitividade

Segundo pressupostos da gramática cognitiva (LANGANCKER, 1987; 1991; 2008; 2013), a língua equivale a uma estrutura simbólica. Esta concepção significa que o que subjaz qualquer produção linguística é uma estrutura conceptual e significativa que pressupõe um pareamento entre uma estrutura fonológica e uma estrutura semântica:

Figura 1: Espaço simbólico



Fonte: Langacker (1987, p. 77).

Na figura, o espaço simbólico corresponde ao espaço conceptual, lugar metafórico onde a língua se apresenta como unidade simbólica, constituída de elementos interdependentes. Nessa representação, a gramática não é modular, ela é

dependente de realizações mentais e interações sociais. Ela emerge derivada do uso e é idealizada pelo nosso sistema conceptual.

Esta esquematização vai ao encontro da Iconicidade de distância conceptual de Haiman (1985), a respeito da aproximação dos elementos envolvidos na cena verbal (sujeito + verbo + objeto), mais especificamente na transitividade. Com isso, esse esquema desenvolvido por Langacker (1987) pode ser compreendido como o que está subjacente à motivação de distância conceptual.

Em outras palavras, no plano do diagrama, a Iconicidade sintática depreendida pela distância conceptual corresponde a relação de proximidade entre as formas das partes que compõem uma sentença e os significados que essas partes representam no mundo. Logo, uma sentença transitiva na libras é icônica, pois a ação pressupõe uma relação direta entre o sujeito e o objeto. Buscando uma explicação para essa natureza de proximidade, o que subjaz essa relação é uma Iconicidade cognitiva, ou seja, é a proximidade entre o espaço fonológico e o espaço semântico. Segundo Wilcox (2004), o que caracteriza um item ou uma sentença icônica é relação de proximidade entre os polos semântico e fonológico dentro do espaço conceptual.

Buscando um paralelismo entre o que Haiman (1985) e Langacker (1987) apresentavam, a Iconicidade é percebida: i) em um plano superficial: pela relação de proximidade, apresentando transitividade entre os elementos que compõem uma sentença e ii) em um plano conceptual: pelo que subjaz a esse plano formal. Para considerar uma sentença transitiva direta icônica é preciso pressupor uma aproximação, no espaço conceptual, entre os polos semânticos e fonológicos.

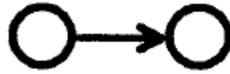
Segundo Langacker (2008), a transitividade corresponde ao grau de proximidade na interação entre um sujeito e um objeto. Essa aproximação é essencialmente de natureza conceptual e tem relação direta com o modo como interagimos com o outro e com o mundo. A partir desta relação, organizamos nossa língua a partir das referências que recebemos do meio. A forma como manipulamos objetos e nos relacionamos com outros seres humanos é a base para a criação de “arquetipos” Langacker (1991). Assim, “objetos físicos e interações energéticas proveem os respectivos protótipos para as respectivas categorias de substantivos e verbos, que do mesmo modo representam uma oposição polar entre as classes gramaticais básicas”¹² (LANGACKER, 1991, p. 283).

¹² Tradução nossa, no original: “The motivation hypothesis, however, makes a further prediction, namely that the difference in form will correspond in some way to the difference in meaning. Specifically here, the greater the formal distance between Y and Y, the greater the conceptual distance between the notion they represent” (HAIMAN, 1985, p. 106).

Para compreender esquematicamente como a transitividade funciona, Langacker (2008) apresenta a seguinte figura (p. 388):

Figura 2: Estrutura transitiva

(a) Transitive



A imagem apresenta, esquematicamente, a relação de afetação das sentenças transitivas diretas das línguas naturais. E conforme os pressupostos que apresentamos, a afetação pressupõe proximidade entre os elementos da predicação e, conseqüentemente, uma aproximação entre os polos fonológicos e semânticos no espaço conceptual. Na próxima seção, faremos análises de sentenças na libras buscando descrever a Iconicidade sintática das construções na língua de sinais brasileira.

A correlação entre Iconicidade e sentenças transitivas da libras

Nessa seção, faremos análises de sentenças transitivas na língua de sinais brasileira, procurando descrever e correlacionar com o fenômeno da Iconicidade estrutural, através da distância conceptual. Buscaremos, através das imagens sequenciais, identificar a possível relação de aproximação entre os elementos da predicação.

Metodologia: *corpus*, seleção e análise de dados

Para a realização da análise da natureza transitiva em sentenças em língua de sinais brasileira, utilizamos, como corpus para coleta de dados, a coletânea de vídeos de entrevista com surdos de referência, realizados pelo Núcleo de Aquisição de Língua de Sinais (NALS) da Universidade Federal de Santa Catarina. O material investigado está disponível, publicamente, no website “Repositório Institucional UFSC”, uma plataforma de livre acesso que tem como objetivo divulgar as produções científicas desenvolvidas nesta universidade.

Como o acervo é extenso e apresenta várias entrevistas, selecionamos um exemplar para analisar a produção em libras, disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/179500>. O vídeo escolhido reproduz uma entrevista que envolve duas participantes, surdas de referência, ou seja, pessoas que possuem representatividade dentro da comunidade surda, fluentes em sua língua materna e com formação superior. Além destes requisitos, este tipo de produção linguística pressupõe uma comunicação interativa e natural, sem elaboração de dados prévios. Por esse motivo escolhemos essa fonte para extração de dados.

As entrevistas apresentam conteúdos discursivos, e as temáticas perpassam por diversos temas, tais como política, educação de surdos, aquisição de libras entre outros assuntos que são pertinentes para a realidade dos indivíduos envolvidos na entrevista. Contudo, como objetivamos uma análise sintática, dentro deste cenário dialógico, selecionamos partes dele que correspondam a sentenças simples, ou seja, recortamos partes deste discurso para analisar a transitividade.

Para ilustrar as sentenças em libras, apresentaremos fotos sequenciais de cada sinal empregado na sentença linearmente, de modo que possamos analisar a relação de proximidade entre o verbo e seus argumentos em determinada construção sintática. Desta maneira recortamos aleatoriamente cinco sentenças em libras que foram produzidas durante a entrevista. Apesar de ser um número pequeno de construções (em função do limite de tempo e do formato do trabalho), acreditamos que a aplicação da teoria na análise apresenta um modelo para o entendimento da Iconicidade de sentenças transitivas. As frases abaixo estão delimitadas pelos símbolos “</>”, destacando as afirmativas através da abreviatura “afirm” e as interrogativas através da abreviaturas “qu” (quando, o que, quanto...) ou “s/n” (sim e não).

I) **SENTENÇA 1: ORDEM SVO <VOCÊ ADQUIRIR LIBRAS IDADE>qu**



VOCÊ

ADQUIRIR



LIBRAS



IDADE

No exemplo, a sentença interrogativa envolve um sujeito e um complemento. Na construção, conforme vemos nas imagens, os elementos envolvidos estão próximo do predicado. O verbo “ADQUIRIR” está próximo conceptualmente do sujeito “VOCÊ” e do complemento “LIBRAS IDADE”. Há uma relação direta; com isso, é possível propor uma relação de iconicidade, pois a entidade e o evento relacionados pelo verbo estão diretamente ligados. Logo, pressupõe uma proximidade entre o polo fonológico e semântico dentro do espaço conceptual das estrutura simbólica em questão.

ii) **SENTENÇA 2:** ORDEM SVO <EU PARTICIPAR/FREQUENTAR ESCOLA>afirm



EU



PARTICIPAR/FREQUENTAR

ESCOLA



Assim como na análise anterior, o verbo “FREQUENTAR/PARTICIPAR” liga diretamente o sujeito “EU” com a entidade “ESCOLA”, portanto há uma relação de aproximação na distância conceptual. A análise resulta em uma estrutura Icônica.

iii) **SENTENÇA 3: ORDEM SVO <VOCÊ SENTE PERCEBE USUÁRIA LIBRAS>s/n**



VOCÊ

SENTIR



PERCEBER

USUÁRIA LIBRAS

Na sentença interrogativa acima, o verbo “SENTIR” também está próximo do sujeito “VOCÊ” e do evento “VER/PERCEBER USUÁRIA LIBRAS”. Nesse exemplo, assim como nos anteriores, também há uma proximidade no plano formal e também no conceptual. A organização SVO evoca que a forma dos argumentos dessa sentença transitiva está diretamente relacionada com significado que essa ordem prototípica de afetação representa no mundo.

iv) **SENTENÇA 4: ORDEM OSV <REGRA PRÓPRIA PAÍS TER>afirm**



REGRAS



PRÓPRIA

PAÍS



TER

Diferentemente das sentenças anteriores, a ordem dos elementos alterou a relação de transitividade. O verbo “TER” está próximo ao sujeito representado pela entidade “PAÍS”, mas está distante do complemento “REGRAS PRÓPRIAS”. Nesse ponto, a característica icônica de distância conceptual foi perdida em detrimento do foco de atenção dado a ordem dos elementos da sentença. Nos parece que a intenção do interlocutor foi a de construir uma perspectiva da cena verbal (MACWHINNEY, 1977) a partir do objeto, ou seja, dar foco à “REGRAS PRÓPRIAS”. Nesse caso, não é possível assumir uma relação de Iconicidade por distância conceptual, pois apenas uma entidade da sentença está próxima do verbo. Portanto, do ponto de vista da transitividade direta, essa sentença é arbitrária.

v) **SENTENÇA 5: ORDEM SVO <EU ESTUDAR LEMBRAR ESCOLA SURDOS>**
afirm



EU

ESTUDAR



LEMBRAR

ESCOLA



SURDOS

Na sentença 5, o verbo “ESTUDAR” está próximo do sujeito “EU”, mas distante do complemento “ESCOLA SURDOS”, pois a transitividade da construção é interrompida pelo verbo “LEMBRAR” que não está relacionada com o evento principal da sentença. Esse elemento dispara um distanciamento entre os complementos da estrutura argumental. Dessa maneira, há uma distância tanto no plano formal como no plano conceptual; logo, a sentença, do ponto de vista transitivo, é arbitrária, pois os elementos que compõem a ação verbal não estão diretamente próximos ao verbo.

Para identificar a Iconicidade nas estruturas transitivas é indispensável a relação de aproximação no espaço conceptual. Como vimos, no que tange à transitividade, as sentenças são icônicas se os elementos da construção sintática estão próximos, tanto na periferia esquerda como na direita. Nessa relação, nenhum elemento pode estar entre as entidades envolvidas, pois acarretará em um distanciamento, tanto no plano formal como no plano conceptual.

Sendo assim, a relação de distância conceptual prevê que as formas dos elementos que compõem a sentença evocam o significado que esses elementos representam no mundo. Sendo assim, a relação de motivação pela proximidade vai indicar o nível de afetação, ou seja, o quanto a ação verbal está relacionada diretamente com os argumentos. A distância conceptual formal da sentença implica uma distância entre o polo semântico e o polo fonológico no espaço conceptual. Desse modo, todas as sentenças apresentadas e analisadas são estruturas simbólicas, mediadas pela interação com o meio e pelo modo como processamos mentalmente e linguisticamente essa mediação. Como apontamos no referencial, a transitividade é apenas uma das

manifestações linguísticas de como categorizamos a nossa experiência no mundo e refletimos na gramática da nossa língua. Há muitas outras formas de conceber a iconicidade no plano sintático, ou seja, a iconicidade é onipresente nas categorias linguísticas das línguas naturais.

Considerações finais

Neste artigo, propomos uma descrição e análise diferenciada do fenômeno da Iconicidade. Conforme desenvolvemos ao longo do trabalho, uma das formas de identificar a Iconicidade é através da distância conceptual, na qual os elementos que compõem uma ação verbal precisam estar próximos do predicador, caracterizando uma motivação de proximidade tanto em nível formal como em nível conceptual.

A distância conceptual vai indicar uma relação de distância entre polos do espaço conceptual. Em outras palavras, quanto mais próximos os argumentos estiverem do verbo, mas próximos os polos semânticos e fonológico estarão no espaço conceptual, portanto, mais icônicos. Do contrário, quanto mais distantes no nível formal mais distantes estarão os polos no espaço conceptual, logo, mais arbitrário, no ponto de vista da transitividade.

As sentenças transitivas da libras são icônicas quando pressupõem uma aproximação. Contudo, conforme vimos nos últimos exemplos, a depender da forma como itens estão organizados na sentença ou da intenção implícita dos interlocutores, os argumentos podem estar mais distantes do verbo ocasionando uma arbitrariedade.

A transitividade direta é de natureza conceptual, contudo, há elementos, também dessa natureza, que ocasionam o afastamento dos elementos que compõe a ação verbal. Esses elementos podem corresponder a outros tipos de motivação, tais como o foco de atenção do falante que, no momento da conversação, constrói uma perspectiva a partir daquilo que considera mais relevante no discurso. Desse modo, tanto a Iconicidade quanto a arbitrariedade são submergidas pela gramática e são fenômenos recorrentes nas línguas naturais.

Referências

- BYBEE, J. Diagrammatic iconicity in stem-inflection relations. In: *Iconicity in Syntax*. Stanford: John Benjamins, 1985.
- GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. In: *Iconicity in Syntax*. Stanford: John Benjamins, 1985.

GREENBERG, J. *Universals of Language*. Massachusetts: The M.I.T Press, 1966.

_____. Some iconic relationships among place, time, and discourse deixis. In: *Iconicity in Syntax*. Stanford: John Benjamins, 1985.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.

HAIMAN, J. *The iconicity of grammar: Isomorphism and motivation*. Language, 1980.

_____. *Natural Syntax: Iconicity and Erosion*. London: Cambridge University Press, 1985.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Harvard University Press, 1979.

LANGACKER, R.W. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. 1: Theoretical Foundations. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. 2: Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press.

_____. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

_____. *Essentials of Cognitive Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MACWHINNEY, B. *Starting Points*. Language, 1977.

PEIRCE, C. *Philosophical writing*. Cambridge: Harvard University Press, 1932.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2008.

TAUB, S. *Language from the body: Iconicity and Metaphor in American Sign Language*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.

WILCOX, S. Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. In: *Cognitive Linguistics*, v. 15, n. 2, pp. 119-147, 2004.